



A resolução de problemas em ciências humanas

3 de maio de 2018 Local: IFCH-UNICAMP

Apoio: GrupoFPP



II Colóquio Thomas Kuhn

A resolução de problemas
em ciências humanas

03 de maio de 2018

II Colóquio Thomas Kuhn (2 : 2018: São Paulo)
Kuhn e a resolução de problemas em ciências humanas: [caderno de resumos e programa do] I Colóquio Thomas Kuhn/ Suze Piza (Org.). – São Paulo: Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana, 2018. 22p.

ISSN 1984-9591

1. Kuhn, T. S. (Thomas Samuel), 1922-1996. 2. Filosofia.

I. Piza, Suze Oliveira de.I. Título.

21 CDD 110.195

Índice para catálogo sistemático

Filosofia

110.195

Índice

Apresentação	5
Programa	6
Conferências	8

Apresentação

Partindo da tese de Thomas Kuhn de que a ciência é uma atividade de resolução de problemas, o II Colóquio Thomas Kuhn desafia pesquisadores das Filosofia e ciências humanas a pensar o que é um problema em ciências humanas e como resolvê-lo.

Programação

Quinta Feira, 03 |

08h30 às 09h00 | Conferência de abertura

Lançamento do livro: Kuhn e as ciências humanas publicado pela DWWeditorial

09h00 às 10h00 | Mesa redonda 1

Filosofia como diagnóstico e ciências humanas como atividade de resolução de problemas | **Suze Piza (UFABC)**

Resolução de problemas nas Relações internacionais | **Paulo Vitor Sanches Lira (UFRJ/USJT)**

10h20 | Debate

10h20 às 11h20 | Mesa redonda 2

Problemas como unidades epistêmicas | **Valter Alnis Bezerra (USP)**

Concepção de problema segundo os experimentos mentais | **Carlos Motta (FAPCOM)**

11h20 | Debate

12h00 | Almoço

14h00 às 15h00 | Mesa redonda 3

É o pensamento kuhniano aplicável aos saberes sobre o homem? | **Carlos Alberto Plastino (PUC-RJ)**

Autismo e projeto terapêutico singular | **Daniel Omar Perez (UNICAMP)**

15h00 | Debate

15h30 | Café

16h00 às 17h00 | Mesa redonda 4

Problemas maturacionais e sua resolução em Winnicott
| **Zeljko Loparic (UNICAMP/IBPW/IWA)**

17h00 às 18h00 | Mesa redonda 5

*Por que a interdisciplinaridade é impossível (mas necessária)
– complexidade, paradigmas e incomensurabilidade*
| **Victor Ximenes Marques (UFABC)**

A semântica transcendental em W. Dilthey e T. Kuhn: a possibilidade de resolução de problemas em ciências humanas
| **Marcos José Alves Lisboa (PUC-Campinas)**

18h00 | Debate

18h20 | Encerramento

Conferências

Carlos Alberto Plastino

Possui graduação em Ciências Econômicas - Université Catholique de Louvain (1975), graduação em Direito pela Universidade Nacional de La Plata (1966), mestrado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), mestrado em Ciências Políticas Relações Internacionais - Université Catholique de Louvain (1973), mestrado em Planejamento de Desenvolvimento - Rijksuniversiteit Antwerpen (1976) e Notório Saber em Ciências Políticas conferido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1994). Atualmente é professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, assessor adoc da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro. Autor de diversos livros e artigos. Atua principalmente nos seguintes temas, teoria psicanalítica, questões vinculadas ao Paradigma da modernidade e sua crise e fundamentos antropológicos das teorias políticas modernas.

caplastino@gmail.com

É o pensamento kuhniano aplicável aos saberes sobre o homem?

A concepção de mudança paradigmática e as ciências da matéria. Ciência e saber. Necessidade de uma concepção mais radical do conceito de Paradigma. A meta-teoria reducionista da concepção kuhniana e o monopólio da ciência no conhecimento. Os dualismos constitutivos do pensamento ocidental. A cisão entre Natureza e Cultura e seus derivados: (homem/mulher; razão/intuição, corpo/psique, razão/objeto sujeito/objeto.) Consequências epistemológicas. Organização das “ciências humanas” na trilha das ciências da matéria. Necessidade de um conceito de Paradigma e de mudança paradigmática que interrogue os pressupostos ontológicos, epistemológicos e antropológicos não criticados do pensamento ocidental. Conhecimento explicativo e saber compreensivo. A psicanálise e o saber compreensivo. Imagens, emoções e intuição nos saberes compreensivos. Processo primário e processo secundário. O conceito de psicossoma como ultrapassagem do dualismo corpo/psique. Corpo e intuição. Ver como quem não olha. A experiência psicanalítica como experiência de conhecimento. O conceito de atenção livremente flutuante.

Carlos Jacinto Nascimento Motta

É doutor em Filosofia pela PUC-SP. Foi professor de Filosofia da PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo de 2010 a 2015. Graduado em Filosofia pela Universidade Metodista de São Paulo (2000) e Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2004). Foi professor entre 2009 e 2013 do Programa de Pós-Graduação Lato sensu em Filosofia Contemporânea e História da Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente, é pesquisador no grupo de pesquisa Perspectivas críticas da Filosofia Contemporânea na Universidade Federal do ABC. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Teoria do conhecimento, Filosofia Moderna e Filosofia da Ciência, atuando principalmente nos seguintes temas: conhecimento, lógica, indução, ciência, causalidade e racionalidade e nas interfaces entre Filosofia e educação. É autor da obra *Introdução à Epistemologia de Francis Bacon* publicada pela Editora Nova Harmonia.

cjmotta@gmail.com

Concepção de problema segundo os experimentos mentais de Thomas Kuhn

Essa comunicação tem com objetivo apresentar e discutir a visão de Thomas Kuhn acerca do papel que experimentos mentais desempenham na prática científica – a obra de referência para isso é *Um Papel para os experimentos mentais*. Entendidos como experimentos realizados por meio da imaginação para descobrir algo a respeito da natureza das coisas, os experimentos mentais diferem de um mero pensar sobre um experimento que poderia revelar uma certa natureza das coisas porque eles mesmos revelam o que se busca evidenciar nas ciências. Serão abordados inicialmente, a título de exemplo, os experimentos mentais de Galileu Galilei apresentados na obra *Discurso sobre as duas novas ciências* e os problemas científicos que podem ser solucionados por meio deles. A seguir, serão tratadas as questões que envolvem o uso de experimentos mentais em uma ciência normal (paradigmática), ressaltando que, segundo Kuhn, somente problemas formulados no interior de um paradigma podem ser resolvidos com experimentos mentais. Por fim, discutiremos o papel dado por Kuhn aos experimentos mentais no período revolucionário de uma ciência, e como eles podem ser fundamentais para aumentar o nível de confiança a ser depositado no novo paradigma adotado.

Daniel Omar Perez

Professor de filosofia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), pesquisador PQ 1D no CNPQ com pesquisas sobre o sujeito e a linguagem a partir de Kant. Atualmente a pesquisa aborda a relação entre estrutura da proposição e a natureza humana (antropologia). Também desenvolve um projeto sobre A constituição do sujeito a partir das relações de identificação. Uma abordagem entre a filosofia kantiana e a psicanálise freudiana e lacaniana?. O trabalho de pesquisa se concentra na questão de como nos constituímos a nós mesmos tanto individual quanto coletivamente como sujeitos. Abordam-se fenômenos como massa, povo, coletivo, relações amorosas e situações diagnosticadas no espectro do autismo. Em 2012 realizou um estágio de pós-doutorado na Bonn Universität (ALEMANHA) onde desenvolveu parte do projeto sobre antropologia em Kant e avançou na tradução das “Reflexões de Antropologia” de Kant (trabalho iniciado com Valerio Rohden em 2008). No ano de 2007 realizou outro estágio de pós-doutorado na Michigan State University (EUA) com o apoio da Capes onde trabalho na antropologia pragmática de Kant e na organização do livro “Kant in Brazil” com Frederick Rauscher. Concluiu o doutorado em 2002 com a tese Kant e o problema da significação; e o mestrado em 1996 com a dissertação Significação dos conceitos e solubilidade dos problemas (acerca do esquematismo transcendental na Crítica da razão pura de Immanuel Kant como pro-

Autismo e projeto terapêutico singular

O seguinte trabalho tem como objetivo oferecer argumentos para defender as propostas terapêuticas singulares com relação ao tratamento de diagnosticados de autismo. Esses argumentos de defesa se sustentam em posições filosóficas e epistêmicas que tematizam o que chamamos de subjetividade e não reduzem o ser humano a apenas um organismo vivo exclusivamente determinado por reações químicas. Nesse sentido, nos apropriamos e tomamos posição em relação a um debate já tradicional na filosofia moderna e contemporânea. Sem querer esgotar ou encerrar a discussão sobre a relação subjetividade/organismo tomamos elementos de Kant, a psicanálise e Jean Luc Nancy com relação ao sujeito e as subjetividades. Com esses elementos acolhemos conceitualmente experiências de trabalho observadas durante três anos em distintas instituições, com distintos profissionais, usando distintas metodologias, abordagens e técnicas em relação a um universo de quase 200 pessoas diagnosticadas.

Com isto pretendemos contribuir no seguinte sentido: 1. apresentar a questão do autismo como um problema para as ciências humanas e sociais; 2. tentar oferecer uma possível via de encaminhamento para o problema.

Para alcançar isto seguiremos os seguintes passos: 1. definição sumária de autismo desde

cedimento de doação de sentido aos conceitos), ambas na Universidade Estadual de Campinas (BRASIL) com o apoio da Capes. Obteve o título de licenciado em filosofia em 1992 na Universidade Nacional de Rosario (ARGENTINA). Publicou artigos científicos em revistas nacionais e internacionais, livros e capítulos de livros sobre filosofia e psicanálise. Entre suas publicações podemos contar: Kant e o problema da significação (Editora Champagnat, 2008); O Inconsciente: onde mora o desejo; (Civilização Brasileira, 2012); Ontologia sem espelhos. Ensaio sobre a realidade; (CRV, 2014). Orientou numerosas pesquisas no nível de iniciação científica, trabalho de conclusão de curso de graduação, especialização, mestrado e doutorado na área de filosofia e de psicanálise. É membro da Sociedade Kant Brasileira. Também tem formação como psicanalista a partir de 1990 na Argentina.

danielomarperez@hotmail.com

o DSM, suas mudanças e suas possibilidades de reformulação; 2. a questão do autismo entre o orgânico e anatomo-fisiológico e a questão da subjetividade, a linguagem e o laço social; 3. o trabalho de diferentes disciplinas, ciências e práticas com relação à questão; parâmetros gerais de orientação para um projeto terapêutico singular, suas condições institucionais e familiares; 6. qual o resultado procurado e por que?

Marcos Lisboa

Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1997) e mestrado em Filosofia (2002) pela mesma instituição. É doutorando em Filosofia (Unicamp). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia da Ciência e Filosofia da Psicanálise. Atualmente é docente do curso de graduação em Filosofia da PUC-Campinas.

mrcs.lisboa@gmail.com

A semântica transcendental em W. Dilthey e T. Kuhn: a possibilidade de resolução de problemas em ciências humanas

A resolução de problemas é o que define ciência para Kuhn e sabemos que na Estrutura deu-se mais tratamento e acabamento às ciências naturais para explicar o desenvolvimento científico, já em relação às ciências humanas, deixou a questão em aberto. Então, haveria resolução de problemas em ciências humanas? Esta é a questão. E se há, quais são as suas condições de possibilidade? Para responder (ou não responder) esta questão partiremos da hipótese de que é necessário, primeiramente, distinguir uma da outra, isto é, delimitar o espaço de competência reservado ao que da ciência natural e o que é do domínio da ciência humana. Estabelecer essa distinção é compreender quais são os objetos e métodos de cada uma e estabelecer estatuto de cientificidade, tão caro a um dos problemas mais centrais da filosofia da ciência que é o critério de demarcação. Para isso, recorreremos as contribuições filosóficas de W. Dilthey. A razão desta escolha é a tradição filosófica kantiana da qual tanto Dilthey quanto Kuhn são herdeiros. Evidentemente, guardam-se pontos de divergência entre esses autores, que serão observados a seu tempo. O que importa, a princípio, é que Dilthey formula uma metodologia para as ciências humanas com base empírica, e cujo procedimento básico é a noção de compreensão (Verstehen) e justifica filosoficamente esta posição ao formular uma crítica da razão histórica, no sentido kantiano. Ao passo que Kuhn tanto o conhecimento científico como a linguagem são intrinsecamente propriedades comuns de uma comunidade científica e para a qual a concepção de

matriz disciplinar indica uma constelação de crenças, de valores e de técnicas, que são partilhadas pelos seus membros. Parece-nos, aqui, a teoria da decidibilidade ou solubilidade da filosofia kantiana que pergunta sobre quais os problemas impostos pela razão são solúveis e quais não são. Dessa forma, a descoberta científica nasce da consciência de que a ciência normal não dá mais conta da anomalia, isto é, quando a ciência normal não atende mais as expectativas de resolução dos problemas. Nestes termos, a noção de domínio da interpretação é de fundamental importância para a semântica kantiana e articulação das ideias que aproximam Dilthey e Kuhn., na discussão sobre as ciências humanas e resolução de problemas.

Paulo Vitor Sanches Lira

Doutor (2018) e Mestre (2013) em Economia Política Internacional pelo Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional (PEPI) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Doutorado Sanduíche na Columbia University, em Nova Iorque, Bolsa PDSE/CAPES (Julho/2017 a Janeiro/2018); Bacharel (2011) em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Atualmente é professor da faculdade de Ciências Humanas da Universidade São Judas Tadeu (USJT - SP).

pv.lira@gmail.com

Resolução de problemas nas Relações internacionais

Tradicionalmente, as questões de segurança nacional ocupam um lugar central na relação entre os países. Desde sua conformação no espaço europeu, as questões concernentes à acumulação de riqueza, à proteção territorial e de um modo de vida específico estiveram presentes nos autores da chamada economia política e da própria geopolítica. Já no período da Guerra Fria - sobretudo pelo avanço tecnológico e da cultura de massa - o jogo de guerra de origem europeia tomou novas dimensões de competição entre suas unidades, abarcando multifacetadas dimensões de disputa. Com a queda do espaço soviético, então, ganha força um novo paradigma de segurança nacional sob a égide das Organizações das Nações Unidas, cujo objetivo centra-se na segurança do indivíduo, apontando a expiração da validade do paradigma estadocêntrico. À luz do recrudescimento das relações interestatais no início do século XXI, pretendemos discutir a validade das determinações de problemas apontados por tal agenda, confrontando-a com as percepções do paradigma tradicional.

Suze Piza

É professora de Filosofia na UFA-BC nos cursos de Filosofia, Bacharelado em Ciências Humanas e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia na linha de pesquisa Ética e Filosofia Política. Foi pesquisadora de pós-doutorado e professora colaboradora no Departamento de Filosofia (IFCH) UNICAMP entre 2015-2017. É Doutora e Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Tem diversos artigos e livros publicados na área de Filosofia. É pesquisadora junto ao Grupo de pesquisa em Filosofia e práticas psicoterápicas da UNICAMP, no Grupo Perspectivas Críticas da Filosofia Moderna e Contemporânea da UFABC e no LAPEFIL - Laboratório de pesquisa e Ensino de Filosofia. Atua principalmente nos seguintes temas: produção de pensamento filosófico, pensamento ético-político moderno e contemporâneo, filosofia contemporânea, ontologia, filosofia na América Latina, interfaces entre Filosofia e Psicanálise e Filosofia e Ensino. É bolsista CAPES como coordenadora de área do projeto Pibid-Filosofia.

suzepiza@gmail.com

Filosofia como diagnóstico e sua contribuição para a identificação de problemas em ciências humanas—

Diversas teorias contemporâneas defendem que a Filosofia é diagnóstico do presente. Pretendemos partir dessa imagem para pensar sobre o papel da Filosofia na identificação de problemas científicos no interior de uma matriz disciplinar e se isso se concretiza de alguma forma na atuação do filósofo brasileiro quando este está em interface com as ciências humanas.

Valter Bezerra

É Professor Doutor de Teoria do Conhecimento e Filosofia da Ciência no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, e docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do mesmo departamento. Integra o Projeto Temático Fapesp ;Gênese e significado da tecnociência: Das relações entre ciência, tecnologia e sociedade; (IEA-USP / FEUSP / FFLCH / UFABC / Swarthmore / Lisboa / Lyon 1, 2012-2016), e coordena o projeto de pesquisa CNPq; Estilos de raciocínio científico; (IEA-USP, 2015-2017). É Licenciado em Física pelo Instituto de Física e Faculdade de Educação da USP em 1989. Obteve o Mestrado em Filosofia pela FFLCH-USP em 1994 e o Doutorado em Filosofia pela FFLCH-USP em 1999. Suas áreas de interesse são: teoria da racionalidade científica, teoria da justificação epistêmica, estrutura e dinâmica de teorias, estilos de raciocínio científico, história da metodologia científica, mecanicismo, história da teoria do campo, fundamentos da mecânica quântica. De 2006 a 2013 foi professor de Filosofia da Ciência e Epistemologia na Universidade Federal do ABC, no Centro de Ciências Naturais e Humanas. De 2004 a 2006 foi professor no curso de Filosofia da Faculdade de São Bento, em São Paulo, SP. É membro fundador da Associação Filosófica Scientiae Studia de Estudos sobre a Ciência e Tecnologia e membro da Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC). Integrou o Projeto Temático Fapesp? Estudos

Problemas como unidades epistêmicas e a estrutura de rede do conhecimento

O enfoque de solução de problemas (problem-solving view), em diversas variantes, propõe tomar os problemas como genuínas unidades epistêmicas. Tal enfoque permite enriquecer substancialmente as imagens filosóficas de conhecimento científico, ampliando seu potencial interpretativo. Contudo, as concepções usuais de estrutura do conhecimento, baseadas em maior ou menor grau em um enfoque tradicional, em termos de teorias - sendo estas entendidas de um ponto de vista essencialmente enunciativo (statement-view) e classicamente dedutivo -, não se mostram adequadas para esse fim. Em tais concepções de estrutura teórica, a noção de problema adquire um caráter ad hoc e artificial. Defendemos aqui uma concepção acerca da estrutura do conhecimento científico que propõe levar a sério a metáfora da rede e suas implicações epistemológicas e metametodológicas, e que não se atém exclusivamente ao padrão dedutivista clássico. Tal concepção oferece uma maneira de conceber a unidade epistêmica “problema” de forma mais orgânica, exhibe uma conexão estreita com uma visão plástica de racionalidade e de justificação, e ademais não se limita à compreensão da ciência, admitindo expansão em direção a outras formas de conhecimento, como a própria filosofia.

em Filosofia e História da Ciência? na FFLCH-USP (2002 a 2004). Entre 2002 e 2005 realizou pós-doutorado no Departamento de Filosofia da FFLCH-USP, com financiamento Fapesp. Foi bolsista do CNPq (mestrado) e Fapesp (doutorado).

v.a.bezerra@gmail.com

Victor Marques Ximenes

Professor da Universidade Federal do ABC. Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (2006) e mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2009) e doutorado em filosofia na PUCRS, sob a orientação do Professor Dr. Eduardo Luft, com sanduíche na Universidade de Bonn, sob orientação do Professor Dr. Markus Gabriel. Trabalha nas áreas de filosofia da biologia, filosofia da ciência, filosofia da mente, ontologia, idealismo alemão e a tradição dialética. Tem particular interesse na relação entre as ciências naturais e a filosofia.

marques.v@ufabc.edu.br

Por que a interdisciplinaridade é impossível (mas necessária) – complexidade, paradigmas e incomensurabilidade

A teoria da dinâmica científica defendida por Kuhn se destaca por afirmar o contextualismo epistêmico (a pesquisa ordinária é sempre conduzida no interior de um quadro referencial, uma rede de conceitos, práticas e instrumentos, que fixa os critérios de verificação, avaliação e relevância), a descontinuidade histórica (a evolução da ciência não se dá por acumulação progressiva e gradual, mas alterna períodos de relativa estabilidade com momentos de crise e revolução, que alteram estruturalmente a prática científica) e materialismo darwiniano (a negação de um movimento teleológico na sucessão das teorias científicas). A conjunção desses três elementos desafia o realismo científico, assim como qualquer forma correspondencial de progressismo. Para Kuhn, embora seja fácil atestar o que constitui progresso no interior de um paradigma estabelecido, não é tão simples falar de progresso na passagem inter-paradigmática, uma vez que os critérios para avaliar o que é progresso são, ao menos parcialmente, internos aos paradigmas. Na ausência de uma medida comum para comparar e avaliar os paradigmas entre si, a decisão de abandonar um paradigma por outro nunca é esgotada pela razão: é possível ter boas razões para trocar de paradigma, mas essa troca nunca é forçada pela razão, nunca é implicada por um método ou um algoritmo garantido. O fato de que não é possível traduzir inteiramente um paradigma no outro, e que, portanto, as condições de comunicabilidade e acordo entre especialistas no interior de uma comunidade científica

são estabelecidas pelo paradigma vigente, significa que a comunicação entre paradigmas concorrentes é sempre problemática, produzindo com frequência o que Kuhn se refere como um “diálogo de surdos”. Essa incomensurabilidade entre paradigmas é frequentemente debatida no contexto do desenvolvimento longitudinal da dinâmica científica, para questionar que a sucessão cronológica de paradigmas implique também um desenvolvimento teleológico no sentido de aproximação das teorias científicas à realidade exterior. Mas o mesmo problema pode ser investigado no sentido transversal, isso é, na relação entre a diversidade crescente de paradigmas, que co-existem e conformam áreas especializadas do conhecimento nas quais se realiza pesquisa esotérica. Levando-se às últimas consequências lógicas o conceito de incomensurabilidade entre paradigmas, é forçoso reconhecer que a interdisciplinaridade é, por definição, impossível. E, no entanto, a relação prática com um mundo complexo nos impõe pensar certos problemas que atravessam as barreiras disciplinares. A natureza não (re)conhece os limites dos paradigmas, mas nosso conhecimento científico, pela dependência da pesquisa esotérica a paradigmas definidos, é sempre de natureza fragmentária. Esse problema será desenvolvido, sobretudo, a luz da relação das ciências humanas com as pretensões de universalidade de uma imagem científica de mundo.

Zeljko Loparic

Possui graduação em Filosofia - Universidade Católica de Louvain (1962), mestrado em Filosofia - Universidade Católica de Louvain (1965), doutorado em Filosofia - Universidade Católica de Louvain (1982) e pós-doutorado em Filosofia pela Universidade de Konstanz (1987). Atualmente, é professor titular da Universidade Estadual de Campinas, docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Tem experiência de ensino e pesquisa na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia e Filosofia da Psicanálise, desenvolvendo trabalhos principalmente sobre seguintes autores e temas: Kant, Heidegger, Winnicott, semântica transcendental, pensamento pós-metafísico e paradigma winnicottiano.

lopacic@uol.com.br

Problemas maturacionais e sua resolução em Winnicott

Retomando uma longa tradição na epistemologia, Kuhn caracterizou a ciência empírica normal como atividade de resolução de problemas e comparou esses problemas a quebra-cabeças. Numa parte inicial do presente trabalho, mostrarei que essa concepção pode ser aplicada à atividades de resolução de problemas clínicos tal como concebida e desenvolvida por Freud. O meu principal objetivo é mostrar que a mesma concepção não se aplica à atividade de resolução de problemas praticada por Winnicott e que essa diferença é mais um ingrediente da mudança paradigmática operada por Winnicott na psicanálise tradicional.

Promoção

Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana (IBPW)
CLE-Centro de lógica, Epistemologia e História da Ciência
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Apoio

Universidade Federal do ABC (UFABC)

Comissão Organizadora

Carlos Motta (PUC/SP)
Marcos Lisboa (PUC/Camp)
Silvio Chibeni (UNICAMP)
Suze Piza (UFABC/UNICAMP)
Zeljko Loparic (UNICAMP)

Informações

atendimento@ibpw.org.br
(11) 9 9611-4805 e (11) 3676-0635

ibpw.org.br